

Recebido em: 07/02/2018.

Aprovado condicionalmente em 06/09/2018.

Aprovação final em: 10/09/2018.

## **MIGRANTES E FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS NA AMÉRICA DO SUL: TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS.**

*MIGRANTS AND TRANSNATIONAL FAMILIES IN SOUTH AMERICA: CONTEMPORARY TENDENCIES.*

*MIGRANTS ET FAMILLES TRANSNATIONALES EN AMÉRIQUE DU SUD: TENDANCES CONTEMPORAINES.*

*MIGRANTES Y FAMILIAS TRANSNACIONALES EN SUDAMÉRICA: TENDENCIAS CONTEMPORÂNEAS.*

Roberto Rodolfo Georg Uebel\*

Jalusa Prestes Abaide\*\*

**RESUMO:** A partir das crises econômicas de 2008 e 2012, a América do Sul tem se colocado no centro de dois *booms* migratórios de diferentes origens: os Estados Unidos, Europa Ocidental, África Ocidental, Sudeste Asiático e Oriente Médio. Famílias de refugiados, migrantes econômicos e ambientais e solicitantes de asilo chegaram aos territórios dos doze países do continente e ressignificaram o papel das fronteiras terrestres da Amazônia, do Pampa e dos Andes, antes, rotas de migração interna inexpressiva, hoje, inseridas nas rotas migratórias internacionais e transnacionais. Recebendo cerca de um milhão de famílias de migrantes, a América do Sul e seus *policy makers* estatais observaram novos grupos de imigrantes - no sentido de nacionalidade, etnia e religião - contrastando com suas populações locais. Apesar disso, as práticas estatais permaneceram as mesmas em relação à recepção e inserção dessas famílias migratórias transnacionais na sociedade, no mercado de trabalho e na integração coletiva. Desta forma, esse artigo analisará os padrões e tendências das “novas” famílias globais que chegam na América do Sul, a partir dos seguintes casos principais que orientam esses padrões de migração familiar: cubanos, haitianos, senegaleses, sírios e migrantes do sudeste asiático, que estão no topo do ranking dos *booms* de migração acima mencionados. Além disso, outros grupos

---

\* Mestre em Geografia e doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Prof. na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-Sul), Porto Alegre, RS, Brasil; E-mail: roberto.uebel@ufrgs.br

\*\* Doutora em Direito; Profª do Departamento de Direito da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil; E-mail: jalusabaide@hotmail.com

migratórios internos relevantes, como bolivianos e venezuelanos, também serão considerados.

**Palavras-chave:** Migrantes; Famílias; Transnacionalismo; América do Sul; Práticas.

**ABSTRACT:** *From the economic crises of 2008 and 2012, South America has been at the centre of two immigration booms of different origins: the United States, Western Europe, West Africa, Southeast Asia and the Middle East. Families of refugees, economic and environmental migrants and asylum seekers arrived in the territories of the twelve countries of the continent and resignified the role of the terrestrial borders of the Amazon, the Pampa and the Andes, before, routes of inexpressive internal migration, today, inserted in the international and transnational migratory routes. Receiving about one million migrant families, South America and its state policy-makers observed new immigrant groups - in the sense of nationality, ethnicity and religion - contrasting with their local populations. Despite that, the state practices have remained the same as regards the reception and the insertion of these transnational migratory families into society, the labour market and collective integration. In this way, this article will analyse the patterns and trends of the “new” global families arriving in South America, from the following key cases that guide these family migration patterns: Cubans, Haitians, Senegalese, Syrians and from Southeast Asia, which are top-ranking in the aforementioned immigration booms. Furthermore, other relevant internal migratory groups such as Bolivians and Venezuelans will also be considered.*

**Keywords:** *Migrants; Families; Transnationalism; South America; Practices.*

**RÉSUMÉ:** *Depuis les crises économiques de 2008 et 2012, l'Amérique du Sud a été au centre de deux booms de l'immigration de différentes origines : les États-Unis, l'Europe occidentale, l'Afrique de l'Ouest, l'Asie du sud-est et le Moyen-Orient. Les familles des réfugiés, des migrants économiques et environnementaux et des demandeurs d'asile sont arrivées dans les territoires des douze pays du continent et ont modifié le rôle des frontières terrestres de l'Amazonie, de la Pampa et des Andes, hier, routes de migration internes et inexpressives, aujourd'hui insérés dans les routes migratoires internationales et transnationales. Après avoir reçu environ un million de familles de migrants, l'Amérique du Sud et ses créateurs de politiques d'État ont observé de nouveaux groupes d'immigrants – au sens de nationalité, d'ethnicité et de religion – contrastant avec leurs populations locales. Malgré cela, les pratiques des États sont restées les mêmes en ce qui concerne l'accueil et l'insertion de ces familles migratoires transnationales dans la société, le marché du travail et l'intégration collective. De cette manière, cet article analysera les patrons et les tendances des « nouvelles » familles mon-*

*diales arrivant en Amérique du Sud, à partir des cas clés suivants qui guident ces modèles de migration familiale: Cubains, Haïtiens, Sénégalais, Syriens et d'Asie du sud-est, qui sont au premier rang dans les booms de l'immigration susmentionnés. En outre, d'autres groupes migratoires internes pertinents tels que les Boliviens et les Vénézuéliens seront également pris en compte.*

**Mots-clés:** *Migrants; Familles; Transnationalisme; Amérique du sud; Pratiques.*

**RESUMEN:** *A partir de las crisis económicas de 2008 y 2012, Sudamérica se ha colocado en el centro de dos booms migratorios de diferentes orígenes: Estados Unidos, Europa Occidental, África Occidental, Sudeste Asiático y Oriente Medio. Las familias de refugiados, migrantes económicos y ambientales y solicitantes de asilo llegaron a los territorios de los doce países del continente y resignificaron el papel de las fronteras terrestres de la Amazonia, del Pampa y de los Andes, antes, rutas de migración interna inexploradas, hoy, insertadas en las rutas migratorias internacionales y transnacionales. Recibiendo cerca de un millón de familias de migrantes, Sudamérica y sus policy makers estatales observaron nuevos grupos de inmigrantes – en el sentido de nacionalidad, etnia y religión – contrastando con sus poblaciones locales. A pesar de ello, las prácticas estatales permanecieron iguales con relación a la recepción e inserción de esas familias migratorias transnacionales en la sociedad, en el mercado de trabajo y en la integración colectiva. De esta forma, este artículo analizará los patrones y tendencias de las “nuevas” familias globales que llegan en Sudamérica, a partir de los siguientes casos principales que orientan estos patrones de migración familiar: cubanos, haitianos, senegaleses, sirios y migrantes del sudeste asiático, que están en la parte superior del ranking de los booms de inmigración mencionados. Además, otros grupos migratorios internos relevantes, como bolivianos y venezolanos, también serán considerados.*

**Palabras clave:** *Migrantes; Familias; Transnacionalismo; Sudamérica; Prácticas.*

## 1 INTRODUÇÃO

Muitas famílias globais compuseram a formação do que hoje se conhece por sociedade sul-americana. Traços ameríndios, afro-americanos, europeus e asiáticos estão presentes nas populações dos doze estados da América do Sul, bem como nas dependências das Ilhas Falklands e Guiana Francesa. O ponto de conexão entre aquelas famí-

lias e as sociedades de hoje se deu primordialmente por meio das migrações, outrora internacionais ou intercontinentais, agora transnacionais.

Com o advento da globalização do capital e, por conseguinte, das mobilidades humanas, as famílias sul-americanas se viram inseridas em uma nova dinâmica de relação com seus territórios, seus vizinhos e com as outras nações, por meio dos novos fluxos migratórios, que aumentaram gradativa e exponencialmente a partir da crise global de 2008.

Se até a crise de 2008 as famílias sul-americanas tinham pouco o nenhum contato com as migrações de povos como haitianos, senegaleses, filipinos e bengalis, esta relação se viu transformada praticamente da noite para o dia, com admissões de imigrantes econômicos e refugiados diariamente nas fronteiras do Brasil, Argentina e Equador, majoritariamente, que atingiram marcas históricas de mais de um milhão de novos estrangeiros residentes por ano.

Apesar disso, há que se ressaltar que as famílias sul-americanas, conforme já indicado anteriormente, têm na sua essência o componente migratório ou do além-mar, como gostam de dizer os descendentes de portugueses. Entretanto, processos de assimilação, fortalecimento dos laços culturais com o Estado e com o território e distanciamento das suas nações de origem, especialmente no caso dos alemães e italianos, conforme destacam Zanini (2008) e Tedesco (2013), fizeram que o caráter de relacionamento e aceitação da imigração se transformasse nas sociedades sul-americanas, de uma naturalidade e receptividade aos povos estrangeiros até a ascensão de movimentos nacionalistas anti-imigração e discursos xenofóbicos de líderes políticos.

Destaca-se ainda neste processo de evolução do relacionamento das famílias estabelecidas com as famílias recém-chegadas, a difícil integração e aceitação dos afro-americanos, isto é, o preconceito com famílias etnicamente africanas ou de cor negra, um obstáculo que se ampliou inclusive para novos fluxos, como de haitianos e senegaleses. A perseguição e o preconceito racial são uma das mazelas não superadas pelas sociedades sul-americanas, o que, de certa forma, é ainda um impeditivo para potenciais famílias de solicitantes de asilo e refúgio.

Embora a xenofobia social persista como característica das

famílias sul-americanas, entre as estabelecidas e as recém-integradas, o caráter multinacional da formação familiar do continente, por outro lado, tem se destacado de forma positiva. O multiculturalismo criado de forma espontânea, ao contrário do caso canadense, por exemplo, resgata a formação das nações como o Brasil, Bolívia e Paraguai, que na sua origem pré-colombiana, eram formados por milhares de povos diferentes, sob um território comum.

Este mesmo território, agora dividido em doze Estados soberanos e duas dependências ultramarinas europeias, congrega famílias transnacionais e interculturais. Não raro são os casos em que um imigrante senegalês se casa com uma brasileira, descendente de alemães por parte de pai e de índios caingangue por parte de mãe, gerando uma nova família, que pratica uma religião de matriz africana, como a Umbanda, ou de origem árabe, como o Islamismo, ou ainda, cristã-reformada, como os Batistas norte-americanos ou neopentecostais brasileiros.

O “ser imigrante” possui três estados (ou estágios) nas famílias sul-americanas, podendo ser agravados ou atenuados, de acordo com o país em que se encontram e também conforme o sentimento de pertencimento, seja com a sociedade acolhedora, seja com o país de origem.<sup>1</sup>

O estado permanente se verifica com frequência maior, segundo os estudos demográficos organizados por Baeninger (2012), com as novas famílias sul-americanas de refugiados, nomeadamente os originários da Síria, ou daqueles países em que não há semelhanças culturais ou representatividade étnica prévia na sociedade acolhedora, como no caso dos bolivianos no estado de São Paulo, Brasil, onde o resgate nacional e a rememoração diária de sua condição de imigrantes se fazem necessárias, à título de afirmação identitária, proteção coletiva e, inclusive, como remédio para atenuar os processos de depressão imigratória (Brunnet, 2016).

O estado semipermanente, conforme o nosso entendimento e conforme veremos nas próximas seções, é um estágio intermediário

<sup>1</sup> Essa classificação, adotada por autores tanto como Baeninger (2012) como outros demógrafos e geógrafos, surge num momento de crescimento dos estudos migratórios na América do Sul, sobretudo no Brasil, e é útil no sentido de clarificar os “tipos migratórios”. Entretanto, à título de esclarecimento para aqueles que estão a se inserir nos estudos migratórios, é importante mencionar que outras categorias analíticas também pertinentes às migrações são comumente utilizadas e que não serão abordadas neste artigo. Sugere-se a leitura de Rocha-Trindade (1995) àqueles interessados no tempo e numa discussão aprofundada sobre os estados de “ser imigrante”.

entre a assimilação e a integração das famílias imigrantes na América do Sul. Há indícios de que imigrantes econômicos haitianos, senegaleses e bengalis e filipinos estariam nesta categoria, onde o sentimento de pertencimento e condição de imigrante seriam apenas invocados em situações específicas, ao passo em que o seu esquecimento se daria de forma gradativa e diária, de acordo com a inserção destas famílias nas sociedades de acolhimento.

É curioso observar que o estado semipermanente é o mais duradouro entre os três, já que verificamos ainda nos dias de hoje, dois séculos depois, o mesmo sentimento em descendentes de imigrantes alemães, russos e italianos na América do Sul, destacadamente no Sul do Brasil, Paraguai e Argentina.

Já o estado impermanente é o mais difícil de identificar nas famílias sul-americanas, pois apresenta diversas nuances e adaptações de acordo com o país de origem, a etnia, religião e país de acolhimento destas famílias. Contudo, imigrantes cubanos e refugiados venezuelanos reúnem as características deste estágio, ao passo em que estas famílias parecem ter a preferência de esquecer a repressão e perseguição dos seus países de origem, ainda que isto custe o rompimento de laços familiares e psicológicos com a terra de origem, a fim de começar efetivamente uma nova História em um novo ambiente, obviamente, democrático e permissivo à liberdade de expressão.

Nesta direção, nas próximas seis seções analisaremos as dinâmicas, repercussões e estágios das famílias sul-americanas, a partir de oito grupos imigratórios, os quais consideramos os mais representativos desta condição de “ser imigrante” e das novas famílias sul-americanas. Apresentaremos, portanto, na seção de discussão, as particularidades das famílias de cubanos, haitianos, senegaleses, sírios, bengalis e filipinos, bolivianos e, finalmente, venezuelanos que escolheram ou foram induzidos a migrar para a América do Sul.

Antes disso, procederemos à uma revisão dos estudos sobre o tema das famílias globais sul-americanas, além de apresentarmos um overview temático, teórico e dos desafios deste *issue* na seção “Current Status”. Nas “Perspectivas Teóricas Relevantes”, por outro

lado, traremos as referências mais recentes sobre o assunto em questão, onde priorizaremos o uso de autores sul-americanos e trabalhos em língua espanhola e portuguesa, ou seja, inéditos ainda para o público anglófonos. Esperamos que esta seção sirva de ponte para uma amplificação dos estudos familiares, demográficos e migratórios entre pesquisadores de todo o mundo.

Em “Implicações para a Teoria, Pesquisa e Prática”, veremos quais são as lacunas que nós, demógrafos, geógrafos, economistas e internacionalistas sul-americanos ainda precisamos preencher e quais são os desafios que se apresentam para a compreensão destas novas famílias, além de temas emergentes correlatos no continente, que repercutem no assunto geral do artigo, tais como nacionalismo, xenofobia governamental e separatismo. Na seção subsequente, em “Direções Futuras de Pesquisa”, apontaremos algumas inovações teóricas que podem contribuir para a superação destes desafios e entendimento dos atores imigrante, tais como a Economia das Migrações, a Demografia Política e a Cartografia Temática das Políticas Públicas, com impactos diretos nos negócios internacionais, propósito central deste artigo.

Encerramos o artigo com as conclusões, apontando para o embasamento do nosso argumento central: que apesar da América do Sul registrar a cada dia novas famílias globais, as práticas estatais e da própria sociedade civil residente ainda são velhas. O novo e o velho se perpetuam nesta nova condição específica demográfica e imigratória, logo, este artigo pretende servir de ponte para o seu entendimento e superação de entraves analíticos, teóricos e práticos.

## 2 STATUS ATUAL

Tanto a Historiografia como a Antropologia sul-americana e suas vertentes analíticas têm se dedicado ao estudo das famílias e dos atores da imigração, no mínimo, há um século e meio, quando começaram os primeiros movimentos migratórios coordenados para o continente.

As universidades brasileiras, chilenas e argentinas possuem centenas de centros de pesquisa, laboratórios e institutos de preservação da memória dedicados ao estudo dos fluxos imigratórios de

dezenas de nacionalidades, destacando-se entre elas, as migrações de alemães, italianos, japoneses e eslavos.

Em rápida consulta às bases científicas, podemos encontrar cerca de 40 mil pesquisas das mais variadas áreas, que analisam desde as relações indivíduo-indivíduo, como a obra de Dreher (2017) que resgata a vida de Jacobina Meurer, uma das expoentes da imigração alemã no Brasil, até obras mais complexas como a de Arteaga (2010), que investiga a relação das mulheres imigrantes com o território andino. Temas inusitados da sociologia demográfica também ocorrem, como por exemplo, os estudos de Jesus (2001) e Gerchmann (2015) que debatem o papel das famílias teuto e afro-brasileiras na criação de um time de futebol, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, no sul do Brasil no princípio do século XX.

Entretanto, os novos fluxos, que pretendemos abordar neste artigo, ainda encontram resistência analítica e dificuldades de abordagem prática por parte dos acadêmicos, devido a inúmeros fatores e desafios. Um destes desafios é nato da própria globalização dos fluxos familiares e migratórios e do advento das redes sociais.

Se os primeiros espanhóis e italianos que chegaram à Argentina no século XIX levavam meses para enviarem e receberem notícias do Velho Continente e, por conseguinte, seu estado de “ser imigrante” era semipermanente ou impermanente, hoje um imigrante senegalês ou sírio mantém contato constante com seus amigos e familiares em sua terra natal, desde o embarque no avião até a ida para o trabalho dentro do metrô no novo país. Este processo que chamo de “aculturação imediata” faz com que a própria identificação dos grupos de imigrantes seja subjetiva e, muitas vezes, dificultosa ao pesquisador.

Porém, alguns trabalhos em língua portuguesa e espanhola têm conseguido avançar esta barreira da “aculturação imediata”, como a obra de Mejía e Simon (2015), que é o primeiro livro publicado sobre a trajetória de um imigrante haitiano no Brasil, e que serve de referência para diversos pesquisadores, desde a área de Linguística até à Psicologia Comportamental.

Outro exemplo é o estudo de Oliveira e Rubira (2015), que identificou as práticas religiosas de famílias senegalesas muçulmanas no Brasil e nos demais países do Cone Sul, identificando, além das redes daquelas

famílias, episódios de preconceito dentro da própria comunidade islâmica local, o que até então era desconhecido por estudiosos do assunto.

Duas referências principais, que estão a contribuir eficazmente aos estudos das famílias globais no âmbito da América do Sul são os pesquisadores brasileiros Rosana Baeninger, da Universidade Estadual de Campinas, e Helion Póvoa Neto, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujas produções se equiparam, em nível teórico e de rigor científico, aos escritos de Maria Beatriz da Rocha Trindade, Herbert Klein e Douglas S. Massey.

Cabe ressaltar, contudo, que as referências norte-americanas, canadenses e europeias ainda se fazem presente nos estudos migratórios das famílias sul-americanas e na América do Sul. Referências como Abdelmalek Sayad, Saskia Sassen, Stephane Rosière e Anne-Laure Amilhat-Szary são quase que um pré-requisito para qualquer trabalho sobre família e imigração de qualidade no continente, além dos três autores citados anteriormente.

Conforme já abordado, o tema das famílias imigrantes é explorado por quase todos os campos do conhecimento científico sul-americano, os quais destacamos, em virtude do seu distanciamento inicial em relação ao tema: Relações Internacionais, Ciências Econômicas, Psicologia, Serviço Social, Direito e Ciência Política. Vertentes teológicas, como o Espiritismo, também têm se dedicado ao estudo da imigração familiar, nomeadamente no Brasil, sob influência da escola francesa. Pesquisadores religiosos e confessionais católicos, especialmente, também estão produzindo obras referenciais sobre o tema.

Apesar dos trabalhos de pesquisadores-imigrantes, como os de Joseph Handerson (2015), em relação aos haitianos, e os do senegalês Pape Sakho e tantos outros, as principais lacunas no *current status* estão ligadas à percepção destas famílias pelas famílias sul-americanas, isto é, como uma típica família brasileira do Rio de Janeiro percebe, recebe e acolhe (ou não) uma família de refugiados sírios. Ou como uma tradicional família de Buenos Aires encara os novos fluxos de *negros* na capital argentina. Pretendemos explorar isto na próxima seção.

Por fim, destacamos a emergência de uma subteoria, se assim pode ser chamada, ou uma teoria intermediária, que apesar de não

ter uma classificação específica ou um nome consensual, optamos por chamar de “humanitarismo coordenado ou limitado”. Sabemos das três vertentes teóricas principais, que são o multiculturalismo, integracionismo e assimilacionismo, que dominam os estudos e debates sobre imigração há um século.

Todavia, na América do Sul, um movimento iniciado de forma descentralizada por todo o continente, vem adotando um discurso teórico baseado neste “humanitarismo coordenado ou limitado”, ou seja, embasado nos dispositivos legais, leis e normativas jurídicas, mas imbuído de uma forte carga analítica humanitária, que muitas vezes “se coloca” no lugar das famílias imigrantes, chegando a advogar algumas demandas específicas. Muitas vezes condicionada, ainda que equivocadamente, ao progressismo latino-americano, esta corrente teórica em ascensão é seguida por pesquisadores de todas as ideologias, desde aos positivistas da última hora, até pós-positivistas, teóricas feministas e adeptos à teoria descolonial.

Posto isto, este “humanitarismo coordenado”, que é representado por trabalhos recentes de qualidade reconhecida e premiada, como a vasta produção da jurista brasileira Deisy Ventura, ganha espaço e corpo nos debates e interpretações sobre as famílias globais sul-americanos, atingindo outros temas e campos, como questões de gênero, igualdade social e representatividade das minorias, tanto nas esferas mais progressistas como nas mais conservadoras, fato que estamos a registrar unicamente na América do Sul.

### **3 DISCUSSÃO: A VIDA DOS MIGRANTES E DAS FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS NA AMÉRICA DO SUL**

A partir das análises demográficas e cartográficas temáticas de autores como Uebel e Rückert (2017) e Texidó e Gurrieri (2012), verificamos que sete grupos familiares imigrantes se destacam e apresentam os tipos de perfis diferenciados das famílias transnacionais na América do Sul.

Cada um destes grupos, que dividimos entre cubanos, haitianos, senegaleses, sírios, bengalis e filipinos, bolivianos e venezuelanos, apresenta características únicas em questões de gênero, relações

afetivas, inserção social e repercussões econômicas, que justamente dão a tônica deste novo perfil contemporâneo familiar sul-americano.

Abordaremos brevemente, mas de forma convincente e objetiva, que apesar de possuírem muitas semelhanças quanto à motivação de migrar, estas se limitam a este processo, ao passo em que as diferenças e peculiaridades é que se destacam no perfil migratório e familiar estudado.

### ***3.1 Cubanos***

As estimativas oficiais do ACNUR apontam que cerca de 25 mil cubanos passaram a residir nos países sul-americanos desde 2001 até 2016, e os cinco países que mais receberam estas famílias foram Peru (9.435), Argentina (6.183), Brasil (5.469) e Colômbia (1.263).

São duas as categorias principais em que se inserem estes migrantes: imigração econômica, majoritariamente composta por médicos e demais profissionais de saúde; e refugiados e solicitantes de asilo. Deste modo, são duas esferas familiares completamente diferentes.

Os cubanos representam assim tanto um estado de “ser migrante” permanente, como no caso dos imigrantes econômicos, e outro impermanente, como no caso dos refugiados.

Em relação ao perfil demográfico, aqueles que imigraram regularmente têm seguido um padrão de três tipos: solteiros, com família em Cuba ou que se casaram com nacionais dos seus países de acolhimento, visando obter a residência permanente. Já os refugiados em sua maioria trazem quase todo o seu núcleo familiar junto, nomeadamente filhos, pais e pais dos cônjuges.

Como se trata de dois grupos distintos, sob uma ótica demográfica política, suas relações econômicas e sociais com as sociedades de acolhimento são distintas, embora uma única característica seja comum a ambos: a exposição social e mediação de sua presença no país receptor, como no caso recente do Brasil, onde a imprensa registrou até a sua chegada nos aeroportos brasileiros, além de acompanhar cada movimento destes imigrantes nas cidades em que se instalaram.

### 3.2 *Haitianos*

A imigração de famílias haitianas para a América do Sul sofreu um *boom* após a combinação de três fatores nas últimas duas décadas: a guerra civil, o terremoto de 2010 e o furacão Matthew de 2016. Estimativas da Organização dos Estados Americanos e de pesquisadores independentes apontam 100 mil haitianos vivendo na América do Sul, a maior parte deles no Brasil, Argentina e Equador.

A característica principal destes novos grupos familiares imigrantes sul-americanos é a divisão em duas gerações distintas. A primeira, que compreende o período de 2004 – início da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti – até o começo de 2011, foi especialmente de homens solteiros e casados, que migraram sem suas famílias, normalmente em grupos de amigos.

Já a segunda geração começou ainda em 2011, acentuou-se em setembro de 2016 com o furacão Matthew e declinou no começo de 2017, compreendeu a vinda dos familiares (cônjuges, filhos, pais e sogros) que estavam no Haiti e obtiveram a confirmação de oportunidades de emprego nos países de acolhimento, por meio dos imigrantes da primeira geração.

Deste modo, a separação familiar, que para alguns grupos chegou a cinco anos, transformou a base de sustentação daqueles que ficaram no Haiti. Conforme salientam Peres e Baeninger (2017), as mulheres passaram a ter um papel principal na coordenação econômica e afetiva dos núcleos familiares.

Este empoderamento feminino causado pela separação familiar encontra, contudo, um contraste assim que a reunião familiar ocorre nos países de acolhimento: o trabalho de Mejía e Cazarotto (2017) sobre a família transnacional haitiana no Brasil destaca que a mulher novamente passa para um papel secundário, deixando ao marido a exclusividade de provimento familiar e de representação ante à comunidade e restritivo à inserção destas no mercado de trabalho e acesso à educação.

### **3.3 Senegaleses**

O caso dos senegaleses na América do Sul, que chegam a um número de não mais que 25 mil imigrantes, a maioria no Brasil, Argentina e Chile, é peculiar pelo fato da construção familiar se dar após a imigração, isto é, a constituição de uma família inter e transnacional.

Não amparados pelo status do refúgio ou pela concessão de asilo político, e também excluídos das anistias de regularização migratória concedida aos haitianos e sírios, uma das únicas possibilidades de permanência regular deles nos países de acolhimento é por meio do matrimônio e/ou da paternidade.

Deste modo, os cartórios de registro civil têm registrado um aumento nos casamentos de senegaleses, cerca de 90% homens, com mulheres sul-americanas, e também nos registros de nascimento de crianças senegalesas-sul-americanas.

Apesar da diáspora senegalesa possuir cerca de quatro décadas, esta é dividida em fases, sendo a mais recente e mais diferente de todas aquela com destino à América do Sul. Além desta questão familiar peculiar, prepondera também uma diferenciação quanto às práticas religiosas, culturais e profissionais.

Percebemos uma mistura de cultos africanos com elementos muçulmanos e cristãos junto a estas novas famílias senegalesas sul-americanas, bem como um afastamento da prática profissional à carreira original destes: muitos engenheiros, economistas e matemáticos exercem profissões de vendedores ambulantes, serviços gerais ou na área da indústria por exemplo, ainda devido às dificuldades impostas pelos Estados acolhedores quanto à revalidação de diplomas e aos registros profissionais, infelizmente.

### **3.4 Sírios**

A América do Sul não ficou imune ao drama dos refugiados sírios, apesar de ser a região com a menor parcela deste grupo, dada a distância, custo e logística envolvida para recebe-los. Entretanto, o potencial de acolhimento da região é o maior do mundo.

Portadores de um estado permanente de “ser imigrante”, os refugiados sírios e suas famílias se destinaram quase que exclusivamente ao Brasil, posto que o país possui laços históricos com a comunidade síria. O atual presidente do país é descendente de imigrantes sírio-libaneses.

A dificuldade em aprender a língua portuguesa e a inexistência de documentos oficiais que comprovem a formação educacional e profissional das famílias sírias aparecem como os principais entraves à sua integração no Brasil, embora esforços coletivos promovidos pelo ACNUR em parceria com o Comitê Nacional para os Refugiados, Ministério Público, Defensoria Pública da União e universidades federais estão a reverter este quadro.

No que se refere à estrutura familiar transnacional dos sírios na América do Sul, percebemos uma reclusão quanto aos posicionamentos políticos e ideológicos e uma incipiente participação nas comunidades muçulmanas pré-estabelecidas, nomeadamente nas cidades de Foz do Iguaçu e São Paulo.

Em relação ao mercado de trabalho e igualdade social, observamos que é o grupo que tem logrado mais avanços, sob padrões brasileiros e sul-americanos, posto que a situação síria pré-guerra civil era de relativa expansão acadêmica, profissional e de maior abertura e valorização do papel das mulheres na sociedade, existia uma perspectiva à Líbano, por exemplo.

### ***3.5 Bengalis e Filipinos***

A situação das famílias bengalis e filipinas é a mais peculiar de todas quando abordamos as suas relações transnacionais na América do Sul. Os dois fluxos se assemelham não apenas quanto a origem continental, mas também às repercussões, que são muito próprias.

Os destinos preferidos são as três guianas: Guiana Francesa, Guiana e Suriname, e, em menor grau, o Brasil. Nos três primeiros, predominam trabalhadores de Bangladesh e Filipinas que atuam desde as áreas de mineração, até o comércio e serviços. Ali as religiões hindu e muçulmana predominam ao lado do cristianismo neopentecostal.

No Brasil se verifica o fenômeno da imigração feminina de filipinas, que são solteiras e migram para o país a fim de trabalharem como domésticas e babás, de forma irregular, sem contrato de trabalho e com exploração psicológica e física, conforme relatórios da fiscalização do Ministério do Trabalho.<sup>2</sup>

Os dois grupos têm sido incluídos nas categorias de vítimas de tráfico humano nos países sul-americanos, além de também estarem nas rotas internacionais de tráfico de drogas e mercadorias, aí atuando como agentes passivos.

Deste modo, a composição familiar destes é objeto de análise por parte de estudiosos como Pillai (2004), que identificaram a predominância de famílias monoparentais ou compostas por ocasião, isto é, à título de regularizarem a sua situação migratória no país de residência.

A reunião familiar nos moldes clássicos da imigração econômica ocorre apenas em pequenos grupos nas Guianas, nomeadamente na Guiana e Suriname, já que a Guiana Francesa está amparada pelas normas da União Europeia, o que restringe a regularização de imigrantes familiares. No Brasil, com a vigência da nova Lei de Migração, a reunião familiar está prevista em uma das novas categorias de visto e já há a expectativa que esta atenda as centenas de famílias bengalis e filipinas, nos casos em que não há aplicabilidade do refúgio ou do asilo político.

### **3.6 Bolivianos**

As famílias bolivianas são aquelas que mais se deslocaram no âmbito interno sul-americano, ou seja, a imigração boliviana domina os rankings migratórios de Brasil, Argentina, Chile, Peru, Equador, e estão entre os principais grupos no Paraguai, Venezuela e Colômbia.

As motivações são variadas, desde a fuga do regime autoritário de Evo Morales, até a busca por melhores condições de vida, trabalho e segurança alimentar. Nesse sentido, é o grupo que representa a maior concentração de famílias imigrantes transnacionais na América do Sul.

<sup>2</sup> Veja a reportagem de Piero Locatelli sobre o tema em: <http://reporterbrasil.org.br/2017/07/domesticas-das-filipinas-sao-escravizadas-em-sao-paulo/>.

Em algumas cidades como São Paulo e Buenos Aires, há bairros específicos onde se concentram verdadeiras cidadelas bolivianas, que reproduzem suas culturas, tradições e relações familiares, preservando uma identidade boliviana e indígena, quando pertinente, fora do país de origem.

Caso semelhante na América do Sul só se registrou na época das imigrações históricas de europeus, japoneses e árabes entre o final do século XIX e começo do século XX. Assim, as famílias bolivianas têm atraído cada vez mais o interesse de pesquisadores demógrafos, geógrafos e cientistas políticos.

A atuação profissional dos bolivianos não é restrita a um ramo específico, porém, estes são identificados dentro das sociedades de acolhimento com as indústrias têxteis, gastronomia e pequenos empresários no ramo do comércio de mercadorias, roupas e utensílios, destoando dos demais grupos analisados.

Grupo menor é o dos asilados bolivianos, cujo número aumentou desde o primeiro governo de Evo Morales em 2006. O principal país de destino é o Brasil, seguido do Peru. Também há a identificação de comunidades indígenas transnacionais, porém registradas como bolivianas, que circulam entre os territórios do Paraguai, Bolívia e Brasil. O número total de bolivianos em circulação migratória familiar pela América do Sul atinge seguramente a marca de dois milhões de expatriados na última década, embora não exista uma estatística oficial única.

### ***3.7 Venezuelanos***

Por fim, não podemos encerrar esta seção sem mencionar o mais recente fluxo migratório familiar na América do Sul: o dos venezuelanos, que aumentou exponencialmente desde o agravamento da crise política, econômica e de democracia na Venezuela em 2016.

Sendo a ditadura mais recente do mundo, após anos de estabilidade e prosperidade econômica e social, os impactos da mudança de regime governamental sob a liderança do ditador Nicolás Maduro afetaram diretamente as classes mais pobres da Venezuela, e também a crescente classe média.

Nesse sentido, estima-se que 300 mil pessoas solicitaram refúgio e asilo, primeiramente na vizinha Colômbia e posteriormente no Brasil, com números mais modestos, que estimam cerca de 70 mil venezuelanos.

Apesar de apresentarem semelhanças com a imigração econômica tradicional, as famílias venezuelanas trazem consigo o aporte da perseguição política e fuga do regime ditatorial, que consumiu não apenas o estoque de democracia do país, com o fechamento da Assembleia Nacional, mas também com o estoque de alimentos, remédios e de capital do país. Além da pobreza crescente, a violência estatal, policial e social foi o componente que preponderou na decisão de migrar destas milhares de famílias.

Posto isto, as pesquisas iniciais com as famílias venezuelanas são muito recentes, organizadas mormente pelo ACNUR e pela OIM, ao passo em que a identificação das atividades econômicas e profissionais destes refugiados econômicos ainda é incipiente e, de certa forma, inacessível.

Entretanto, já é possível identificar um estágio permanente de “ser imigrante”, pois muitas famílias, compostas não apenas pelo casal e pelos filhos, mas sim por sogros, irmãos, sobrinhos e agregados familiares, como vizinhos, pretendem retornar à Venezuela após a estabilização econômica do país e retorno pleno da democracia.

Quanto ao exercício da profissão, percebemos que o provimento familiar é igualitário, isto é, depende da renda do homem e da mulher, incrementado pelo dos filhos em idade profissional. Como o nível de educação superior na Venezuela era elevado até a eclosão da ruptura democrática, muitos dos refugiados possuem formação de pós-graduação e uma profissão regulamentada, como médicos, engenheiros, cientistas e, em grande maioria, professores.

Ao contrário dos sírios, que encontram dificuldades na inserção em virtude da língua e da religião, os venezuelanos estão a aplicar em massa para o reconhecimento dos seus diplomas universitários, a fim de que possam exercer as suas profissões no Brasil e na Colômbia.

Por fim, identificamos em menor número aquelas famílias que pretendem, por meio de estadia inicial no Brasil, solicitar autorização de trabalho ou refúgio nos Estados Unidos e no Canadá. Estas famílias se assemelham muito às centenas de famílias sul-a-

americanas que buscaram refúgio em Portugal e na França entre as décadas de 1960 e 1980, fugindo das ditaduras que as perseguiram na América do Sul.

#### 4 PERSPECTIVAS TEÓRICAS RELEVANTES

Desde que as migrações com destino à América do Sul tiveram um *boom* a partir da crise global de 2008, estudiosos de diferentes áreas passaram a investigar o tema, sob óticas que vão desde análises positivistas, até desconstruções mais recentes baseadas em teorias pós-positivistas, descoloniais e feministas.

Os estudos que mais se destacaram nos últimos anos advieram dos seguintes campos: Relações Internacionais, Geografia, Demografia e Direito. Contudo, identificamos trabalhos de qualidade analítica ímpar também nas Letras, Psicologia, História, Ciências Econômicas e Serviço Social. Isto quando exclusivamente na América do Sul. Sabemos que em outras partes do mundo, por exemplo, a Sociologia e a Ciência Política têm conduzido o debate sobre o tema.

Quanto à distribuição nacional das pesquisas e novas teorias sobre imigração e famílias globais transnacionais na América do Sul, encontramos no Brasil, Argentina, Chile e Colômbia o maior número de artigos e teses, contudo, em todos os países sul-americanos a produção sobre o tema tem crescido consideravelmente na última década.

Como se trata de um tema que demanda um aprofundamento interdisciplinar para se chegar ao objetivo principal da pesquisa, os estudos familiares e de imigração a América do Sul partem de duas abordagens metodológicas principais: a dialética e indutiva. Entretanto, novas pesquisas no campo dos Estudos Estratégicos Internacionais estão a utilizar os métodos dedutivo e sistêmico em igual número.

As teorias descoloniais emprestadas da Ciência Geográfica e as teorias pós-positivistas empregadas pelas Relações Internacionais são as abordagens que dominam os estudos migratórios e das famílias globais na academia sul-americana. Citamos, por exemplo, os trabalhos de Durand e Lussi (2015), e aqueles organizados por Póvoa Neto e Ferreira (2005) – aí incluindo autores de renome como Rogé-

rio Haesbert, Giralda Seyferth, Miriam de Oliveira Santos, Regina Petrus e tantos outros – que utilizaram com reconhecida destreza estas teorias e que servem de referencial para milhares de estudos e pesquisadores que se aventuram no campo das migrações.

Os estudos feministas, com o advento do progressismo feminista em toda a América Latina, este diferente do seu coirmão norte-americano e europeu, também englobam a abordagem das migrações e do papel da mulher imigrante na governança familiar sul-americana, como os trabalhos de Vendrame (2016), Kosminsky (2007) e Assis (2007), que estão a servir de referência para pesquisadores do mundo todo.

Todavia, apesar do progressismo crescente nos trabalhos sobre imigração e famílias globais sul-americanas, temos que registrar o agravamento da excessiva polarização ideológica à esquerda – muitas vezes de forma radical –, sem uma orientação contemporânea. O que queremos dizer com isso? Não apenas nas pesquisas sobre imigração e família, mas em todo o campo das Ciências Sociais e Humanas sul-americanas, não se percebe uma evolução no debate político e ideológico, mas sim repetições e reavivamentos em demasia do pensamento marxista, gramsciano e trotskista.

Obviamente Marx, Gramsci e Trótski tiveram contribuições fundamentais à Ciência em geral, inclusive no campo analítico das Ciências Exatas, entretanto, boa parte da academia sul-americana tem se restringindo a estas obras do passado para analisar temas do presente, colocando, muitas vezes, questões e atores que são temporalmente antagonistas ou incompatíveis.

Assim, encontramos um número elevado de estudos sobre migrações e famílias que reproduzem teorias antigas sobre lutas de classe, alienação do capital, exército industrial de reserva, que não encontram respaldo prático nos seus agentes contemporâneos. Isto é, não raro deparamo-nos com pesquisadores que buscam generalizar, por exemplo, todos os imigrantes bolivianos no Brasil como uma “classe proletária” única, ou todos os movimentos anti-imigração como “fascistas”, o que sabidamente é uma inverdade grosseira.

Posto isto, com a excessiva polarização ideológica de pesquisas à esquerda, predominantemente marxista, verificamos o surgimento

de movimentos anti-imigração, nacionalistas e separatistas, alguns supremacistas brancos e xenofóbicos, inclusive na academia, que utilizam as suas frustrações profissionais, acadêmicas e pessoais, para atingir à imigração e seus atores em si, por meio do confronto direto aos estudiosos presos ao passado analítico que citamos até aqui.

Nesse sentido, apesar de um crescente progressismo, utilizador de teorias descoloniais, feministas e pós-positivistas, que é saudável e inovador à luz da interpretação das famílias globais sul-americanas, como o próprio geógrafo Milton Santos (2017) e Denise Ferreira da Silva (2007), duas referências brasileiras para o mundo, ainda há a persistência daqueles pesquisadores enraizados no passado, muitas vezes motivos de chacota ou distanciamento por parte dos seus pares, tanto na América do Sul, como no resto do mundo, e aqueles que se utilizam de suas contrapartes presas ao passado, para promoverem suas paixões nacionalistas, xenofóbicas e separatistas, por meio do discurso de ódio travestido de produção acadêmica. Este é o cenário das perspectivas teóricas na América do Sul sobre imigrações e famílias globais.

## **5 IMPLICAÇÕES PARA A TEORIA, PESQUISA E PRÁTICA**

Até agora vimos quais são os principais fluxos migratórios familiares no contexto da América do Sul, bem como quais são as abordagens teóricas mais utilizadas pelos pesquisadores sul-americanos na contemporaneidade. Percebemos também que o uso das teorias pós-positivistas, descoloniais e feministas trazem algumas implicações para o debate acadêmico e ideológico sobre este assunto.

Assim, como já ressaltado anteriormente neste artigo, para os novos pesquisadores e practitioners, existe um vasto campo a ser explorado e estudado na América do Sul. Há, no mínimo, oito grupos migratórios em expansão, onde as pesquisas são muito incipientes e demandam um aprofundamento analítico, teórico e prático.

Embora existam trabalhos que se utilizem da cartografia temática para mapear tanto as rotas como as concentrações destes fluxos migratórios, como o próprio mapa que elaboramos (Uebel e

Rückert, 2017), Figura 1, a sua utilização ainda é muito restrita nas pesquisas sul-americanas.

Nesse sentido, apontamos para uma carência de estudos que utilizam não apenas a cartografia temática, mas também outros instrumentos gráficos que facilitem a leitura das informações quantitativas sobre as famílias globais e imigrantes na América do Sul. Por exemplo, este tipo de pesquisa é facilmente encontrável na França e no Canadá, o que acaba por contribuir para a elaboração de políticas públicas naqueles países.

Em relação à teoria, referimo-nos também à questão das políticas públicas. No Brasil, Argentina e Peru, ainda há uma falta muito grande de trabalhos oriundos das Ciências Administrativas e da Gestão Pública que enfoquem o tema das migrações. Alguns avanços, mas ainda muito tímidos, encontramos no Chile e na Colômbia.

Posto isso, considerando estas questões, indicamos que há um vasto campo acadêmico e profissional para *practioners* que vierem a utilizar instrumentos cartográficos temáticos, análise de políticas públicas e avaliação destas, quando inseridos nos temas de migração e famílias globais sul-americanas.

Ressaltamos ainda, no âmbito da América do Sul, uma das principais implicações à pesquisa sobre o tema, que são as estatísticas migratórias. Ao contrário dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, onde existe uma compilação e elaboração contínua de tais estatísticas, nos países sul-americanos não há este tipo de coordenação.

A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe e a Organização dos Estados Americanos tentaram na última década criar um banco de dados agregado das estatísticas migratórias na América Latina, contudo, os dados estão desatualizados ou restritos apenas aos censos demográficos nacionais.

Logo, um dos principais desafios aos pesquisadores e novos *practioners* neste campo de estudo é a compilação e aferição de tais dados, fundamentais para qualquer pesquisa que preze pela qualidade analítica e seriedade dos fatos estudados. É da nossa consideração, portanto, que aí reside uma das principais questões problemá-

ticas em aberto na América do Sul, que deveriam ser consideradas com mais atenção pelos agentes públicos.

Por fim, quanto à prática acadêmica e profissional, a partir de todos estes *issues* que elencamos, os campos mais promissores são para cartógrafos, geógrafos, estatísticos, *policy makers*, economistas e internacionalistas, tanto na iniciativa privada, que busca entender as famílias globais a fim de ofertar um produto ou serviço que atenda às suas necessidades, como na esfera pública, que é cobrada cada vez mais por uma otimização de suas políticas públicas, sejam para cidadãos nacionais, sejam para os estrangeiros recém-chegados.

## 6 DIREÇÕES FUTURAS DE PESQUISA

Como já ressaltamos ao longo do artigo, os novos fluxos migratórios de famílias transnacionais para a América do Sul comportam diversos desafios e oportunidades para a pesquisa em todas as áreas do conhecimento, desde a Administração até Psicologia.

Contudo, no âmbito da América do Sul, a partir das características natas da academia e dos processos políticos do continente, que tendem a uma polarização ideológica em ciclos de dez a quinze anos, é previsível algumas direções futuras que elencaremos nesta seção.

Primeiro, o papel das fronteiras terrestres sul-americanas. Os estudos fronteiriços despontam na Geografia e nas Relações Internacionais como o campo que mais têm se dedicado à questão imigratória, que, por ora, abrange também a integração econômica das famílias nas suas sociedades de acolhimento.

Assim como ocorrera durante as décadas de 1970 a 1990 nos Estados Unidos e na União Europeia, apenas agora no terceiro milênio há uma emergência de estudos que combinam imigração e fronteiras na América do Sul, como os trabalhos de Pereira Carneiro Filho (2016) e Dofrman, Sánchez e Moreno (2014). Portanto, a pergunta que fica para este primeiro direcionamento de pesquisa futura é a seguinte: qual será o papel das fronteiras sul-americanas com o agravamento das crises migratórias globais? Será de controle,

restrição ou abertura?

O segundo direcionamento que desponta nas pesquisas sobre as famílias globais se refere à questão jurídica destes recém-chegados. Entre 2004 e 2017, a maioria dos países sul-americanos, entre eles Brasil, Argentina e Equador, aprovou e passou a adotar novas leis de migrações que, se por um lado, garantem a regularização de centenas de famílias, por outro, trazem uma segurança jurídica para a deportação e garantia de direitos e deveres polêmicos, como o voto dos imigrantes. Como será a regularização e integração destas famílias globais na América do Sul nas próximas décadas, onde a demografia aponta para um envelhecimento da população e onde as *surveys* apontam para um aumento dos sentimentos de xenofobia e anti-imigração?

Seguindo a questão jurídica, o terceiro direcionamento se refere às novas categorias de imigração e refúgio, que trazem impactos diretos à economia e ao mercado de trabalho sul-americano. Refugiados ambientais, imigrantes ecológicos, refugiados econômicos, apátridas forçados, asilados humanitários surgem como indivíduos de novas concepções teóricas, sem que existam equivalências práticas para atendê-los. Logo, qual será a resposta dos Estados sul-americanos para estas novas demandas, fluxos e famílias?

Por fim, o quarto direcionamento é ligado diretamente à economia sul-americana e traz questões adjacentes de aquecimento global, globalização e digitalização familiar. Esta questão é muito mais delicada e imprevisível, já que depende mais de ações governamentais do que iniciativas empresariais. Identificamos, ainda de forma incipiente, que há inúmeras oportunidades econômicas e laborais, inclusive no campo da inovação, para as famílias globais e imigrantes na América do Sul, contudo, os entraves para conectar os dois lados, tecnologia e indivíduos, são muitos.

A economia comportamental, de acordo com a nossa perspectiva, é, portanto, a principal área que demandará profissionais, pesquisadores e pesquisas para a solução desta lacuna e superação destes entraves. Encerramos com esta pergunta-diretriz: qual será o papel da economia global e digital para a integração das famílias

imigrantes? Novamente de exclusão, de inserção prioritária ou de inclusão em nível universal? Quais serão as instituições que fomentarão estes processos? O Banco Mundial ou a Organização Internacional do Trabalho? Ou uma nova estrutura global?

Estas quatro direções por si só não encerram o debate sobre o futuro das pesquisas que envolvem imigrantes, famílias globais e América do Sul, porém, são os quatro temas-chave que vislumbramos para as próximas duas décadas, de acordo com o cenário atual, que é plenamente mutável, conforme as paixões políticas, o andar da economia e a estabilidade dos governos.

Se nos anos 1800 os colonos alemães e italianos, à título de exemplo, eram vistos apenas como agricultores no Cone Sul, sem qualquer perspectiva de crescimento profissional, e hoje seus descendentes despontam como líderes em todos os setores, esperamos que nas próximas décadas os descendentes de haitianos, senegaleses, cubanos, sírios, filipinos, bengalis, venezuelanos, bolivianos e de todas as outras nacionalidades sigam o mesmo caminho na América do Sul e tenham as mesmas oportunidades. Para este questionamento, as respostas virão a partir da teoria, da pesquisa e da prática.

## **7 CONCLUSÃO**

Neste artigo nós vimos como as migrações de novas famílias transnacionais para a América do Sul têm transformado a realidade econômica, política e social do continente, o último a ser inserido na agenda contemporânea internacional das migrações e do refúgio.

O nosso argumento central foi que, apesar destes novos fluxos trazerem consigo novas repercussões e demandas ante ao Estado, ao território e à própria academia, as práticas ainda são as mesmas do passado, tanto do lado dos seus atores, como do lado governamental.

Nós escolhemos sete grupos de oito nacionalidades, que representam os diferentes perfis que compreendem as migrações de todos os continentes com direção à América do Sul. Vimos que haitianos, senegaleses, cubanos, sírios, bengalis e filipinos, venezuelanos e bolivianos possuem características familiares únicas e inserções sociais específicas.

Nossa *review* sobre o tema argumentou a existência três linhas teóricas predominantes entre os acadêmicos sul-americanos que pesquisam famílias globais e imigrantes: o pós-positivismo, a teoria descolonial e a teoria feminista. As três estão inseridas numa esfera maior do progressismo científico do continente, apesar da existência de pesquisadores ainda presos a teorias marxistas do passado, sem uma equivalência prática ou na realidade.

Nós acreditamos que, apesar destas cerca de dois milhões de famílias globais recém-chegadas à América do Sul e que trazem consigo novas práticas, reproduções sociais e sistemas culturais, o estado de “ser imigrante” ainda preserva suas características históricas e tradicionais, nas formas de ser permanente, semipermanente e impermanente.

Ademais, é do nosso argumento conclusivo que o principal desafio para a compreensão destas novas reproduções familiares, bem como das demandas dos imigrantes, não apenas das oito nacionalidades estudadas, mas de todas, é a otimização da agência estatal. Ou seja, nos governos nacionais da América do Sul há uma carência de dois itens principais: 1) unificação das estatísticas e dados agregados imigratórios; 2) formulação e execução de políticas públicas específicas para imigrantes e suas famílias.

Do lado acadêmico, chamamos a atenção para a questão dos direcionamentos de pesquisas futuras, que obrigatoriamente demandarão uma especialização dos pesquisadores nos instrumentos da cartografia temática, análise de políticas públicas e economia comportamental.

Em virtude disso, a América do Sul se apresenta como a região com o maior potencial de desenvolvimento de pesquisas, políticas públicas, inovações, negócios e empreendimentos voltados às famílias transnacionais imigrantes, posto que o fenômeno para aquele continente é recente e o território é fértil à inovação e pesquisa acadêmica, bem como para a ação de *practioners*.

Se no passado o continente americano foi laboratório para experiências políticas, econômicas e humanas para as potências do Norte, nos dias de hoje é um excelente ambiente para a correção e revisão

de tais práticas, bem como um campo novo para a abordagem humanitarista da imigração, como alternativa aos modelos de integração, assimilação e multicultural, predominantes no resto do mundo.

Esperamos que este artigo contribua tanto para aqueles que estão a aventurar-se nos estudos migratórios sul-americanos, como forma de apontar as principais tendências de teorias e abordagens, e direções de pesquisa futuras, como para os estudiosos do tema, a fim de que possam refletir sobre o impacto de suas pesquisas e, quem sabe, apresentar novos horizontes para o seu aperfeiçoamento.

Sabemos que as imigrações construíram os Estados-nação e as sociedades sul-americanas desde o período pré-Colombiano, contudo, com a emergência dos discursos ultranacionalistas, separatistas, supremacistas e xenofóbicos, o horizonte de recomeço e novas vidas para os imigrantes e suas famílias na América do Sul pode estar ameaçado, seja pela miopia acadêmica, pela ausência estatal ou pelo relaxamento da sociedade civil organizada. Esperamos, portanto, que este texto tenha contribuído para, ao menos, compreender o cenário atual, suas perspectivas, desafios e alternativas.

## REFERÊNCIAS

- ARTEAGA, A. M. (Org.) *Mujeres Migrantes Andinas*. Santiago, Chile: Sociedad de Desarrollo Oxfam Limitada, 2010
- ASSIS, G. O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Estudos Feministas*, Vol. 15, nº 3, pp. 745-772, 2007
- BAENINGER, R. (Org.). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-NEPO/Unicamp; FAPESP; CNPq; UNFPA, 2012
- BRUNET, A. E. *Prevalência e fatores associados a sintomas de estresse pós-traumático, depressão e ansiedade em imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016
- DORFMAN, A.; SÁNCHEZ, C. I. P.; MORENO, S. Y. F. (Orgs.). *Planos geoestratégicos, migrações e deslocamentos forçados no continente americano*. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2014.
- DREHER, M. N. *A Religião de Jacobina*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2017.

- DURAND, J.; LUSSI, C. *Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- Gerchmann, L. *Somos Azuis, Pretos e Brancos*. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- Handerson, J. *Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- JESUS, G. M. Imigrantes desportistas: os alemães no sul do Brasil. *Scripta Nova*, Vol. 108, nº 94, sem páginas, 2001.
- Kosminsky, E. V. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. *Estudos Feministas*, Vol. 15, nº 3, pp. 773-804, 2007.
- Mejía, M. G.; SIMON, R. and Renel Simon. *Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon*. Lajeado: Editora da Univates, 2015.
- Mejía, M. G.; CAZAROTTO, R. *As mulheres imigrantes na família transnacional haitiana no Brasil*. Santa Cruz do Sul: VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2017.
- Oliveira, B. S.; RUBIRA, J. P. *A vertente cultural invisibilizada: um estudo das práticas religiosas dos migrantes senegaleses no eixo da Trensurb na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS*. Sapucaia do Sul: Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, 2015.
- Pereira Carneiro Filho, C. *Fronteiras irmãs: transfronteirizações na Baía do Prata*. Porto Alegre: Ideograf, 2016.
- Peres, R. O.; BAENINGER, R. *Mulheres Latino-americanas e Haitianas no Brasil: perfil na imigração internacional*. Foz do Iguaçu: VII ALAP Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población; XX ABEP Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2017.
- Pillai, S. Indentured Indians: Emergence of Hindu identity in Caribbean Countries. In: [https://www.academia.edu/447217/INDENTURED\\_INDIAANS](https://www.academia.edu/447217/INDENTURED_INDIAANS), acesso em 02 de dezembro de 2017.
- Póvoa Neto, H.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- Santos, M. *Toward an Other Globalization: From the Single Thought to Universal Conscience*. New York: Springer International Publishing, 2017.
- SILVA, D. F. *Toward a global idea of race*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

- TEDESCO, J. C. O futuro do passado: patrimônio cultural, etnicidade e vida rural no nordeste do RS. *Revista Memória em Rede*, Vol. 5, nº 8, pp. 1–17, 2013.
- Texidó, E.; GURRIERI, J. (Orgs.). *Panorama Migratorio de América del Sur 2012*. Buenos Aires: Organización Internacional para las Migraciones, 2012.
- UEBEL, R.; RÜCKERT, A. Aspectos gerais da dinâmica imigratória no Brasil no século XXI. *Confins – Revue franco-brésilienne de géographie*, Vol. 1, nº 31, pp. 1–29, 2017.
- VENDRAME, M. I. *O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália)*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2016.
- ZANINI, M. C. Pertencimento étnico e territorialidade: italianos na Região Central do Rio Grande do Sul (Brasil). *Revista do Desenvolvimento Regional*, Vol. 13, nº 3, pp. 140–163, 2008.